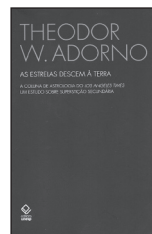


# As estrelas descem à Terra

Luiz Marcelo Brandão Carneiro

**ADORNO, Theodor W.** (2008). *As estrelas descem à Terra*: a coluna de astrologia do *Los Angeles Times*: um estudo sobre a superstição secundária. São Paulo: Unesp. 194 p.



**Resumo:** Obra não muito conhecida de Theodor W. Adorno, *As estrelas descem à Terra* é um estudo sobre horóscopo e superstição, originalmente dirigido à coluna de astrologia do *Los Angeles Times* do início dos anos 1950. O filósofo alemão, pontuando os textos oferecidos aos leitores como um mistura entre o racional e o irracional, revela os meandros do caráter francamente ideológico de seu objeto.

**Palavras-chave:** astrologia; cultura de massas; ideologia

**Abstract:** *Stars come down to Earth* — A little known essay by Theodor W. Adorno, *Stars Come Down to Earth* is a study about horoscopes and superstition, written in the form of an analysis for the astrology column of the *Los Angeles Times* in the early 1950s. The German philosopher points out that the texts offered to the reader are an amalgam of the rational and the irrational, revealing the frankly ideological meanderings of their object.

**Keywords:** astrology; mass culture; ideology.

No livro *As estrelas descem à Terra*, Adorno realiza um estudo sobre astrologia, tendo como base a coluna astrológica de Carrol Righter, então conhecido como consultor de atores e atrizes famosas de Hollywood, publicada pelo *Los Angeles Times*. O período estudado é de cerca de três meses, de novembro de 1952 a fevereiro de 1953.

Debruçando-se sobre um objeto aparentemente banal, o filósofo vai tocar em uma série de questões importantes para sua contemporaneidade, e propor respostas que reafirmam sua teoria social como cada vez mais atual. Na “Apresentação à edição brasileira”, Rodrigo Duarte situa *As estrelas descem à Terra* de maneira precisa, pontuando a obra como um texto de caráter “*sui generis*” (p. 11) nos trabalhos do filósofo alemão, com “conexão direta com o núcleo duro do pensamento do filósofo” (p. 11), mas no qual “as ideias propriamente filosóficas de Adorno não ressaltam tão claramente” (p. 11).

Debruçando-se sobre o horóscopo e sobre a superstição — fenômenos incorporados ao contexto da cultura de massas do mundo contemporâneo —, Adorno aponta relações muito claras, facilmente reconhecíveis entre o discurso sobre os astros e suas próprias concepções acerca da indústria cultural. A astrologia é posta no cadinho cultural de outros fenômenos que igualmente obedecem a uma lógica da “interpenetração entre o racional e o irracional”, dos valores simbólicos e efetivos.

O tom que permeia a coluna, segundo se pode depreender das observações de Adorno, é o uso constante de estratégias retóricas e simbólicas que permitam ao astrólogo explorar as mazelas e os despreparos sociais e econômicos de seu público, gerando uma relação de dependência emocional com relação à publicação.

O colunista seria, então, na forma que sua imagem é construída pela coluna, uma espécie de oráculo detentor da sabedoria. O autor da coluna, tendo ficado famoso por sua consultoria a atrizes e a atores de Hollywood (esfera simbólica da qual Adorno retira o título de sua obra), credenciou-se perante o público como gestor ideal de uma “fábrica de sonhos”, no mesmo sentido em que essa expressão é atribuída à indústria cinematográfica.

Citando Adorno, o que a coluna trabalharia seria, então, uma “irracionalidade cuidadosamente preparada e pré-digerida” (p. 59), sem muito custo prático, mas detentora de um poder de alívio das agruras cotidianas que é seu maior atrativo e seu bálsamo miraculoso, do qual o público, mais e mais, se torna dependente:

De forma muito semelhante à indústria cultural, a astrologia tende a eliminar a distinção entre fato e ficção: seu conteúdo é muitas vezes exageradamente realista, ao mesmo tempo em que sugere atitudes baseadas em fontes inteiramente irracionais, como o conselho de se evitar fechar negócios em um determinado dia. (p. 59)

Colocando em cena as ambiguidades entre o pragmatismo do cotidiano e a crença supersticiosa, Adorno irá afirmar a ideologia da coluna como “idêntica àquela que emerge dos filmes e da televisão” (p. 186). O filósofo segue comparando a coluna com elementos da indústria cultural, imergindo em delimitações que ponderam sobre uma espécie de controle de comportamento por sugestão, como os que, Adorno considera, existem nas séries de televisão, conforme um estudo de Herta Herzog (*Sobre a experiência emprestada*) preconiza, na pontuação da fórmula “envolver-se em problemas e sair deles” (p. 24), em voga nas séries ou novelas diurnas para mulheres, no jazz e na coluna do *Los Angeles Times*.

O que a coluna denota, segundo se pode entender do texto crítico de Adorno, em especial das muitas passagens em que lhe perscruta as tramas, é que esta tinha a intenção de tornar-se uma espécie de guia “prático-oracular-inquestionável” da vida cotidiana, investindo-se da prerrogativa de ser detentora de parâmetros por meio dos quais os leitores pudessem guiar-se nos assuntos (principalmente na resolução de problemas) do dia a

dia, ancorando essa potência de sabedoria no poder dos astros, ou seja, em algo muito maior que o cotidiano, mas que, justamente, encontraria nele seus reflexos pragmáticos. O que Adorno parece construir é a coluna enquanto código de conduta incontornável, viciante, alienante.

Todavia, o filósofo está muito longe de afirmar os fenômenos de massa como “irracionais” (p. 29). Para ele, se a coluna do *Los Angeles Times* lida com o oculto, é com um oculto “institucionalizado, objetivado e amplamente socializado” (p. 32). O público da coluna a teria como “algo certo” (p. 33), um “oculto comercializado” (p. 33) que “pode muito bem existir simultaneamente a um substrato de descrença e ceticismo” (p. 33).

Adorno ainda pontua que essa visão da astrologia como certeza era anacrônica em um tempo no qual, mesmo que apenas através da ficção científica, sabia-se que o mundo é formado por bilhões de galáxias e governado por leis mecânicas. Nesse contexto, Adorno irá se interessar diretamente pelo texto das mensagens que são veiculadas e pelo que essas mensagens realmente dizem aos leitores, na medida em que combinam elementos racionais e irracionais.

A coluna veicularia um tipo de apoio aos leitores que se fundaria sobre pressupostos paternalistas que desviam a vontade e a potência de realizações individuais para as mãos de desígnios místicos oriundos de um todo maior, imponderável, quase onipotente. Como na crença religiosa, os leitores da coluna são postados como submetidos a um ente privilegiado (o colunista/sacerdote) que, ancorado em uma cosmogonia incontestável (o poder dos astros), é capaz de prever, saber e aconselhar a respeito do direcionamento de vidas particulares, tanto na esfera de um “destino” inescrutável quanto dos afazeres cotidianos.

Pinçamos outro trecho direto do corpo da obra para referendar essa percepção: “Assumimos que tais publicações, em alguma medida, modelam o pensamento de seus leitores; entretanto, elas também pretendem ajustar-se às suas necessidades, vontades, desejos e exigências, de modo a ‘vender’” (p. 39). O filósofo irá se debruçar sobre o conteúdo da coluna para explicitar como o texto atinge os leitores diretamente em suas aflições, fraquezas e desejos cotidianos, bem como em suas aspirações.

Para tanto, a linguagem da coluna é bastante acessível e, mesmo que sua validade seja vinculada aos astros, a um “poder maior” inatingível portanto, seus textos são de fácil leitura — mesmo àqueles não iniciados na área — e não refletem essa origem quase divina de suas predições, solidificando-se mesmo no terreno do cotidiano. Ao mesmo tempo, “tudo soa respeitável, sereno e plausível, e a astrologia é tratada como algo estabelecido e socialmente reconhecido, um elemento incontestado de nossa cultura” (p. 44). A astrologia é tratada como aceita *a priori*, como um saber referendado e estabelecido desde sempre.

Colocam-se aos leitores duas frentes que parecem divergentes: fala-se tanto em desígnios dos céus como em obrigações cotidianas, e é o amálgama dessas posições que se percebe como o verdadeiro conteúdo. Joga-se sempre com a responsabilidade do livre-arbítrio (que eleva um pouco os egos dos devotos da coluna) e com a despreocupação calcada nos desígnios

estelares (que livra os leitores do peso do fracasso). Essa polaridade/união é promotora de um falso bem-estar, ancorado tanto na existência de um poder supremo que todos os problemas resolverá quanto na existência de um arauto desse poder que tem a prerrogativa e o aval social e institucional para fazer saber as benesses e os ditames desse poder (e distribuí-los) e suas pequenas agruras (tecidas sempre na esfera dos sacrifícios necessários em nome da iluminação).

A ideia básica, nesse sentido, é a de que “todos têm que tomar decisões a todo momento” (p. 50), e o aconselhamento astrológico iria justamente nesse sentido, tecendo orientações que atingem tanto o lado mais prático e mundano da vida como suas possíveis extensões, por assim dizer, espirituais. Há instruções do tipo “No início do dia, faça um balanço financeiro” (p. 56) e “Uma intuição que você terá pela manhã pode se transformar em realidade” (p. 57). Nas duas frases, oriundas da coluna, são notórios tanto o caráter pragmático (o balanço financeiro) quanto o caráter generalista (a intuição).

O colunista deve perceber, portanto, “uma série de situações típicas nas quais uma grande porcentagem de seus seguidores deve se encontrar em um momento qualquer” (p. 63), mas não pode deixar que seus leitores creiam que podem sair dessas situações sozinhos. O colunista tem de explicitar, todo o tempo, o apoio inestimável que a coluna pode oferecer.

A coluna, dirá ainda Adorno, disserta sobre “situações mais ou menos insolúveis de nosso tempo, impasses que ameaçam todos os indivíduos e estimulam suas esperanças de que alguma interferência efetivamente caia do céu” (p. 64). Tal é o espectro das análises adornianas nesta obra. O que é denunciado é a predisposição da astrologia (e mais especificamente da coluna de Carrol Righter) de dizer o nada sobre coisa nenhuma, ao mesmo tempo em que diz tudo sobre todas as coisas.

Desse modo, a crítica empreendida alinha-se às concepções mais duras do filósofo, em especial à crítica aos procedimentos e aos produtos da indústria cultural e da cultura de massa, esferas das quais a coluna certamente faz parte e nas quais transita livremente, evocando poderes ancestrais e se investindo de uma aura oracular que tanto constrói quanto reitera seu caráter ao mesmo tempo divinatório e pedante.

LUIZ MARCELO BRANDÃO CARNEIRO é mestrando em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com pesquisa sobre a história em quadrinhos *Watchmen*; tem experiência docente no ensino superior nas áreas de teorias da comunicação e comunicação comparada, dentre outras.

luizcarneiro@yahoo.com.br